

2

PRONOME INDEFINIDO

NAS MEMÓRIAS LITERÁRIAS



Os textos narrativos carregados de sentimentos e boas lembranças podem ser chamados de Memórias Literárias. Esses textos levam os leitores a vivenciarem um fato narrado com muita emoção e boa recordação. Por isso, os temas abordados nas Memórias Literárias podem fazer referência à infância, a um lugar em que alguém viveu por muitos anos, a um parente querido falecido, ou seja, situações que despertem boas lembranças. No recorte textual seguinte, observe como um aluno tocantinense do 7º ano, Luiz Eduardo Pereira da Silva, construiu as próprias Memórias Literárias e teve o texto selecionado como um dos finalistas nacionais nas Olimpíadas de Língua Portuguesa. O texto foi escrito a partir do relato de uma moradora idosa no pequeno município de Taipas do Tocantins.

O PEQUI NOSSO DE CADA DIA



[...]

— “Passou a chuva, meninada, é hora de catar pequi no cerrado”.

Aquele chamado nos deixou ansiosos e mal podíamos esperar o momento de embrenhar no cerrado e molhar as canelas com as gotas do orvalho que ficavam sobre o capim verde da estrada logo após a chuva.

Naquela época do ano, era tempo de pequi, e as famílias iam em busca dele, pois era responsável por deixar os pratos mais saborosos. Seu óleo era

extraído e servia de “meizinha” (unguento para diversas moléstias, como bronquites e queimaduras). Exalava um cheiro tão forte que invadia as ruas da pequena cidade, e quando **alguém** se aproximava, já sabia que ali, mais tarde, sairia uma saborosa galinhada com pequi, o “manjar dos deuses” da cozinha de nossa região. “Hum! Aquele cheiro era de dar água na boca”. “Ah! O nosso pequi de cada dia! Amarelo como ouro! Carnudo e saboroso. A nossa riqueza! Como sinto saudades daquele tempo!”

A busca por ele era uma farra só, não tinha tempo ruim. Mamãe ia à frente, e nós a seguíamos com baldes, sacos e bacias na esperança de voltarmos para casa com **todos** os vasilhames cheios. No caminho, nós, as crianças, íamos pulando, cantando e tagarelado naquela inocência, como se a nossa única felicidade se resumisse em colher pequi no cerrado (...)

Andávamos **alguns** quilômetros e já avistávamos os pés carregados de frutos e, ao chegarmos debaixo, o chão estava forrado deles. Começávamos a catar e ali mesmo descascávamos para poder aproveitar o máximo de caroços. O cheiro que vinha deles nos fazia não resistir e prová-los ainda crus. Ficávamos com os dentes amarelos, o hálito bem forte e aquele “ranço” na boca que, ao conversarmos de perto com alguém, já se podia sentir o aroma marcante do pequi.

Ao enchermos as vasilhas, voltávamos para casa satisfeitos com aquele ouro que acabávamos de garimpar. Sabíamos que nos próximos dias seria pequi no feijão, farofa de pequi, pequi no arroz... Mas de uma coisa tínhamos certeza: jamais iríamos “repunar”.

Com a chegada da tecnologia, **tudo** ficou mais fácil por aqui. Porém, algo vem me deixando triste. Percebo que a cada ano o pequi vem diminuindo. Apesar da proteção determinada por lei, o pequizeiro está sendo ameaçado. **Tantas** derrubadas, queimadas. A exploração está sendo responsável pela sua extinção. Hoje ele é comercializado, acabou a fartura daqueles idos. Eu, já

cansada, não posso mais ir catá-lo no pé, e quando quero saborear algum caroço tenho que esperar o vendedor passar na minha porta: “Olha o pequi, dona Maria!”. Só me restaram lembranças daquele tempo e é com pesar que lamento a extinção do nosso pequi de cada dia

Luiz Eduardo Pereira da Silva

Fonte: *Olimpíada de Língua Portuguesa*: o lugar onde vivo, textos finalistas, 2019, p. 52-53. Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/arquivos/9765/textos-finalistas-2019-completo.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2020.

Com muita emoção, o narrador das memórias lidas relembra de um evento que ocorria num tempo distante. Trata-se da colheita de pequi, um fruto comum em alguns estados brasileiros, cuja vegetação típica é o cerrado, a exemplo do Tocantins, local mencionado no texto. Pelas descrições elaboradas, a própria narradora é a personagem principal da história. Ela relembra que, na infância, participava da animada colheita do pequi, junto a outros moradores, incluindo crianças e a própria mãe. Nas colheitas, as crianças corriam pelos campos, brincavam, comiam e colhiam os valorosos pequis a serem usados na preparação das refeições.

É interessante observarmos como a narradora evita se comprometer nas memórias narradas ao não especificar algumas informações. Isso também se justifica pelo fato de esses detalhes omitidos serem irrelevantes para a história. Assim, os próprios acontecimentos rememorados ganham mais relevância.

No texto, essa imprecisão é produzida pelos usos de palavras como **alguém, todos, alguns, tudo, tantas**. Essas palavras substituem os nomes que identificariam a coisa ou a pessoa indefinida, a exemplo de **alguém**. Essa última palavra significa uma pessoa qualquer que, ao chegar na cidade, perceberia o cheiro de pequi. Essas palavras também podem indeterminar algo efetivamente nomeado, a exemplo de **alguns** que, apesar

de trazer alguma precisão da quilometragem andada em busca de pequi, não revela a distância exata. Essas palavras podem ser inseridas no agrupamento dos **pronomes indefinidos**.

Exemplo

Com a chegada da tecnologia, tudo ficou mais fácil por aqui.

com a chegada da tecnologia	tudo	ficou	mais fácil		por aqui
			mais	fácil	
Circunstância de Tempo	Pronome Indefinido	Verbo do Descrever	Advérbio	Adjetivo	Circunstância de Lugar

No **Exemplo**, a palavra **tudo** traz um significado genérico ao texto, pois o narrador faz uma generalização ao afirmar que a tecnologia teria facilitado ou melhorado a vida dos moradores do pequeno município tocantinense. Mas a redução do quantitativo de pequizeiro pode ser o resultado da intervenção humana sobre a natureza. Essa intervenção pode ser justificada pelo desenvolvimento industrial, econômico, crescimento das cidades...

Finalmente, deixamos uma pergunta para você pensar: a tecnologia, que é produto das pesquisas científicas, só traz benefícios à sociedade?